

O conceito de moldura de Auerbach n'O Conto da Prioressa de Geoffrey Chaucer

Denize Helena Lazarin - UFSM¹

Resumo: Nesta pesquisa, pretendemos fazer uma leitura d'O conto da Prioressa a partir do conceito de moldura de Auerbach, enquanto elemento constitutivo de sentido do texto ao qual se refere. Este conto faz parte da obra *Os Contos de Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, escrito em 1386. Assim, inicialmente, tecemos considerações relativas ao período em que se dá a enunciação: a Idade Média, bem como observamos algumas características gerais da obra de Chaucer. Para tal, enquanto referencial teórico, recorreremos aos estudos de Auerbach (2013), Medeiros (2011) e Vizioli (1991).

Palavras-chave: Chaucer, Conto da Prioressa; moldura.

AUERBACH'S CONCEPT OF FRAME IN THE TALE OF PRIORESS BY GEOFFREY CHAUCER

Abstract: In this research we intend to analyze *The Prioress's tale* from the concept of frame written by Auerbach, as a constitutive element of meaning to the text of which it refers. This tale is part of *The Canterbury Tales*, written by Geoffrey Chaucer in 1386. Firstly, we approach some general considerations about the characteristics of the period of enunciation: Middle age, as well as some general characteristics in Chaucer's work. As a theoretical reference, we use the studies of Auerbach (2013), Medeiros (2011) and Vizioli (1991).

Keywords: Chaucer, The Prioress's tale; frame.

Com o passar dos séculos, na medida em que a narrativa se desenvolve e se firma enquanto gênero, um capítulo de introdução, denotando a intenção do autor, surge como herança dos tempos em que o romance não se narrava por si mesmo. Todavia, antes do surgimento dessa parte introdutória nas narrativas eram necessários elementos extratextuais denominados por Auerbach (2013) como molduras com a finalidade de agregar sentido ao narrado.

Este trabalho se propõe a uma leitura d'O conto da Prioressa, obra pertencente a *Os contos de Cantuária*, de Geoffrey Chaucer. Pretendemos inicialmente evidenciar elementos relativos ao panorama histórico medieval, bem como ressaltar alguns pontos referentes à obra de Chaucer, enquanto expoente da literatura medieval anglo-saxã. Em seguida, pretendemos explorar o que existe além da narrativa em si, desvelando suas

¹ Formada em Letras Português-Inglês pela Universidade do estado do Mato Grosso. Mestre e doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria, com tese voltada aos estudos da tradução intersemiótica em capas de livro. E-mail: denizelazarin@yahoo.com.br.

relações com a sociedade e ressignificando o conto a partir destas informações.

1 A obra de Geoffrey Chaucer e o contexto medieval

No século XIV a língua inglesa já havia se estabelecido em todas as esferas sociais na Inglaterra, o que justifica a escolha de Chaucer em empregá-la em sua obra, ao contrário de outros escritores do mesmo período que optam pelo francês e Latim. Em sua obra como um todo ele utiliza a linguagem dos círculos sociais que frequentava, da corte e dos negócios. Para Davis (2008), “especialmente na técnica do verso ele foi um grande inovador e um número substancial de palavras e frases, muitas de origem francesa, são primeiramente registradas em sua obra”² (DAVIS, 2008, p. xxvi). Sua influência artística deu-se muito mais no campo da forma do que da substância, de modo que ele provou que o emprego da língua inglesa na literatura era capaz de conferir elegância aos textos. Esta linguagem ganhou prestígio à medida que o autor alcançou reconhecimento, o que se deu ainda durante sua vida.

A obra de Chaucer costuma ser dividida em três períodos: Período Francês, Período Italiano e Período Inglês. Além da tradução de *Le Roman de la Rose*, a produção de *O parlamento das aves* (1382), em que aborda o amor cortês, neste período destaca-se a composição do *O livro da duquesa* (1369-70), escrito sobre a morte de Blanche of Lancaster, primeira esposa de John of Gaunt. Em *A casa da fama* (1379) encontram-se elementos de transição para o momento seguinte.

No Período Italiano o autor molda seus ritmos e enriquece sua temática. Destacam-se nesse período a influência que recebeu de autores como Petrarca e Boccaccio, que lhe serviu de inspiração na composição de *Troilo e Criseida* (1385). Apesar de o *Decameron* (1348-1353) ser o exemplo no qual Auerbach baseia-se para a produção de seu texto sobre a moldura – o qual trataremos aqui –, a obra *Os contos da Cantuária* (1386) (*The Canterbury tales*) não recebeu influência direta de Boccaccio. Chaucer apenas conheceu o *Decameron* através de uma adaptação de Petrarca. Destaca-se ainda neste período a produção de *A legenda das mulheres exemplares* (1386), obra não concluída, escrita a pedido da rainha Anne.

² Tradução do original: “especially in the technique of verse, he was a great innovator and a substantial number of words and phrases, many of French origin, are first recorded in his work” (DAVIS, 2008, p. xxvi).

Os contos da Cantuária (1386) foram produzidos durante sua fase de maturidade artística: o Período Inglês. Na passagem de uma fase a outra o autor não desprezava as conquistas estéticas adquiridas anteriormente, ao contrário, ele acrescentava novos ingredientes aos antigos com maior senso crítico. Para Vizioli (2017), “até o fim de sua vida, as formas básicas de sua poesia sempre foram as que recebera do Período Francês; mas ele as ampliou com o passar do tempo e, em algumas ocasiões, as inovou, desenvolvendo as estrofes de sete versos (*‘rhyme royal’*), o pentâmetro jâmbico de tão brilhante futuro, e o poema heroico-cômico” (VIZIOLI, 2017, p. 14). Vizioli (2017) acrescenta ainda que a utilização dos métodos retóricos provenientes da literatura medieval também o acompanhou em todas as fases de sua carreira, sendo que todas as suas obras foram recriações de textos já existentes. Os cortes, acréscimos e embelezamentos, tais como a hipérbole, a invocação, a prosopopeia, etc.) são seus toques que imprimem ao texto a originalidade que o fez tão aclamado. No período de maior maturidade artística estes recursos abandonaram seu traço de artificialidade passando a se integrar completamente no contexto dramático, conforme percebemos em *Os contos da Cantuária*.

A obra *Os contos da Cantuária* trata da viagem de um grupo de peregrinos à cidade de Canterbury, a fim de visitar o túmulo de São Tomás Becket, implorando graças ou agradecendo bênçãos recebidas. O santo mártir, então arcebispo de Canterbury, foi assassinado dentro de sua catedral em 1170, por ordem do rei Henry II, por desentendimentos relacionados aos privilégios da Igreja Católica. Em 1173 foi canonizado pelo papa Alexandre III e, a partir de então, seu túmulo passou a receber visitas regulares com a finalidade de conceder graça aos peregrinos.

Na época de Chaucer, a Inglaterra vivia um momento pessimista. As guerras entre Inglaterra e França eram uma constante, desde a tomada normanda na Batalha de Hastings, em 1066, terminando apenas em 1453, com o final da Guerra dos Cem anos. As estradas da época, além de precárias e constituíam-se lugares perigosos devido à existência contínua de salteadores. No que se refere às cidadelas, Vizioli (1991) afirma que, à medida que elas “se tornavam mais populosas, também ficavam cada vez mais apertadas dentro de suas velhas muralhas, com ruas estreitas e fétidas, propícias à propagação dos incêndios e epidemias” (VIZIOLLI, 1991, p. VIII). Dentre elas, a Peste Negra, que em 1348 dizimou um terço da população do país, o que acarretou problemas com a falta de mão de obra para a produção de alimentos. A Igreja Católica estava em

pleno declínio, e o clero vivia envolvido com corrupção, como percebemos na obra ao retratar um vendedor de indulgências revelando suas artimanhas ao se ver alcoolizado.

2 Os contos de Cantuária

No que se refere ao enredo da obra, um grupo de peregrinos se encontra numa estalagem em Londres – o Tabardo –, onde resolve se juntar na viagem para reduzir os riscos. O dono da estalagem, que passa a liderar o grupo, sugere que cada membro conte uma história a fim de animar a viagem, sendo que o contador da melhor receberá um jantar como recompensa. Durante a jornada, ele comanda a enunciação de uma a uma, que vem, na maioria das vezes, iniciada por um prefácio e, às vezes, um posfácio. Nestes prefácios e posfácios, são travados, em certos momentos, diálogos em que os peregrinos discutem, interrompem uns aos outros e comentam as narrativas já enunciadas, na medida em que avançam rumo ao interior da Inglaterra medieval. Os enredos dos contos podem ser provenientes de relatos que Chaucer possa ter ouvido – os *fabliaux* –, histórias dos mestres clássicos ou baseados na vida dos santos, o que se constitui uma gama de temáticas que compunha a literatura medieval oral e escrita.

Para Coghill (2013), “a ideia de uma coletânea de contos em diversos estilos – adequados aos vários narradores – e unificados formalmente – por meio de um objetivo comum partilhado por todos os narradores – é invenção do próprio Chaucer” (COGHILL, 2013, p. 15). Apesar de coletâneas de histórias serem comuns naquela época, apenas Chaucer conseguiu conceber este mecanismo para garantir “a verossimilhança, a variedade psicológica e a vasta abrangência de temas” (COGHILL, 2013, p. 15). Assim, a obra apresenta um panorama da vida medieval, pois se encontram representadas as classes sociais. Apesar de somente membros da classe média se fazerem presentes – pois a aristocracia possuía meios para uma viagem com séquito próprio, e os pobres não possuíam meio algum para uma viagem –, as histórias envolvem todas as classes sociais.

Em relação à língua empregada por Chaucer na composição *d’Os contos da Cantuária* especificamente, Vizioli, em introdução à tradução de uma edição brasileira dos contos, afirma que

a língua inglesa se formou sobre o influxo do país vizinho [a França], pois,

tendo perdido o prestígio de que gozara na era anglo-saxônica (“o inglês antigo”) e tendo sido abandonada pela corte e pelos letrados em favor do francês e do latim, respectivamente, ela ressurgiu no tempo dos reis Angevinos com sua sintaxe germânica extremamente simplificada e com um vocabulário predominantemente latino, tornando-se o assim chamado “inglês médio” (VIZIOLI, 1991, p. IX).

Além disso, o país vizinho também influenciou a escolha de gêneros e temáticas para a literatura da época, da qual Chaucer foi um expoente.

3 O conceito de moldura de Auerbach e obra de Chaucer

A partir dos estudos de Auerbach, em sua obra *A novela no início do Renascimento*, compreendemos por moldura os elementos extratextuais que dão aporte ao texto. Para o autor, este gênero de texto, que não se narra por si só, veio do Oriente durante a Idade Média. Neste contexto, a moldura tornou-se questão essencial, apresentando as considerações filosóficas e doutrinárias referentes ao texto, sendo que a novela em si era um acréscimo ilustrativo, um *exemplum*. Ele acrescenta ainda que, neste gênero, muitas vezes, as histórias “encontram-se deslocadas em relação ao lugar onde se desenrolam, ou parecem ter sido trazidas de longe para provar algo muito simples” (AUERBACH, 2013, p. 21). Também ocorre frequentemente a impressão de que uma doutrina é criada especialmente para ilustrar uma narrativa.

Com o tempo, a narração da novela transforma-se numa atividade importante e apurada em que se empenha grande esforço. Para Auerbach, no século XIII, a função da moldura muda, não sendo mais o texto principal: “ela tornou-se um pretexto para a narração de novelas, e ao mesmo tempo um meio artístico para intensificar seu efeito” (AUERBACH, 2013, p. 22). A moldura pode ser compreendida de forma mais ampla como a atmosfera de uma obra literária. Entretanto, ao citar *Fioretti* de São Francisco, escrito no século XIV, Auerbach afirma que esta obra não necessitava de moldura, pois devia sua unidade à individualização daquele grupo de pessoas. Na obra de Chaucer, contudo, esta individualização não se mostra suficiente, sendo necessário a moldura para unir relatos tão diversos.

Auerbach indica, por meio de diversos exemplos, Boccaccio como o responsável por esta mudança de função, criando uma forma de bucolismo social em que se parte do bucólico para tratar de aventuras que se tornaram frequentes. O autor concentra sua

análise em *Decameron*, a narrativa novelesca da sociedade fechada. O enredo desta obra apresenta Florença devastada pela peste negra: existe uma atmosfera de confusão e desespero geral, pois os sobreviventes são assolados pelo crime e volúpia. Desse modo, um grupo de jovens nobres reúne-se numa casa de campo abandonada para contar histórias (dez jovens enunciam dez narrativas por dez dias, num total de cem histórias). Em *Decameron* o *éthos* da obra se assenta sobre a educação nobre como o único valor restante daqueles tempos assolados pela peste. Ao contrário de *Decameron*, em *Os contos da Cantuária* a religião é o elo que mantém os peregrinos juntos.

Ainda exemplificando suas afirmações sobre o *Decameron*, agora referente ao espaço, Auerbach destaca que este limita-se à cidade pestilenta e à casa de campo idílica. Neste contexto em que acontecimento e paisagem estão em concordância, esta se subordina à existência social. Para Auerbach, “ela é amena e tratada sem qualquer desarmonia; submete-se com docilidade às exigências de pessoas cultivadas, que ocupam seus olhos de forma prazerosa e desejam revigorar seus corpos” (AUERBACH, 2013, p. 26). Por sua vez, na obra de Chaucer, os espaços – Londres (o Tabardo), algumas cidades e uma taverna no meio do caminho – são apenas mencionados como pano de fundo. Sem compromisso com o desenvolvimento das narrativas, os espaços são apenas tratados como elementos figurativos. Um exemplo encontra-se no posfácio d’O *Conto do Médico*, em que o Albergueiro menciona de passagem que precisa beber na taverna e na cidadezinha de Bob-up-and-down.

Auerbach desenvolve ainda dois tipos de moldura: a moldura doméstica, cultivada na França no século XIV, e a moldura social, desenvolvida na Itália no mesmo período. A primeira versa sobre acontecimentos de âmbito privado da vida burguesa que se estendem para o âmbito nacional, como por exemplo em *Le Ménagier de Paris* (1392), onde uma série de conselhos comportamentais de âmbito privado são ensinados por um marido a uma jovem esposa. Para Auerbach, “o burguês começou a decidir a partir de sua própria casa e dela criou a nação francesa” (AUERBACH, 2013, p. 30). Em relação ao segundo tipo, definido como uma série de conhecimentos e descrições sobre a sociedade, cita-se como expoente a obra de Boccaccio, conforme já mencionado. Apesar de Auerbach fixar seus exemplos na França e na Itália, é possível classificar *Os contos de Cantuária* no segundo tipo, devido à representação de costumes de grupos sociais, sobretudo burguesia e clero, como veremos a seguir ao analisar *O conto da Priora*, abordado aqui como um exemplo deste tipo de narrativa.

4 A moldura social no *Conto da Prioresa*

O Conto da Prioresa refere-se à história de uma criança cristã morta por um grupo de judeus. A escola cristã, onde ela estudava, era próxima ao gueto habitado pelos judeus. Deste modo, ela passava frequentemente pelo local entoando um hino cristão, até que um dia, após serem insuflados por Satanás, eles cortam a garganta do menino e o jogam numa espécie de fossa. Depois de serem descobertos, torturados e mortos, o garoto ressuscita brevemente, apenas para revelar um milagre de Nossa Senhora e render-Lhe louvores. Tão logo isso acontece, em meio a uma grande comoção dos presentes, a criança é definitivamente sepultada.

Esta narrativa de milagres de Nossa Senhora é pertencente à literatura religiosa, o que era comum naquela época. Percebemos nela o sentimento de antissemitismo presente em toda a Idade Média, ao definir os judeus como malfeitores e legitimar a punição de tortura e morte. Para Medeiros,

as perseguições aos judeus podiam desembocar em sua expulsão em massa. Há que se ressaltar também que durante o século XIV quando a Europa viu ressurgir a calamidade da epidemia da Peste Negra, mais uma vez este povo foi considerado responsável pela disseminação da doença, pelo menos na Alemanha (que viria depois a ser a Alemanha nazista). No ano de 1321, foram acusados, juntamente com os leprosos de terem envenenado os poços, o que desencadeou uma onda de *pogroms* por toda a Europa (MEDEIROS, 2011, p. 3).

Medeiros ainda afirma que, nos séculos XII e XIII, dois mitos sobre atividades malévolas realizadas por judeus eram disseminados: a profanação da hóstia sagrada e o assassinato de jovens cristãos para fazer uso de seu sangue em rituais religiosos (MEDEIROS, 2011, p. 3). Desse modo, além de responsáveis pela morte de Cristo, conforme leitura comum na época, eram igualmente responsáveis pela morte de seus seguidores. Podemos inferir que desse segundo mito é que surge a temática para *O conto da Prioresa*.

Mas o que dizem as molduras a respeito da sociedade medieval e da narradora do conto? Podemos considerar três molduras relacionadas a *O conto da Prioresa*: 1) uma breve introdução ao conto; 2) o prólogo do conto em si; e 3) o prólogo geral. Com relação ao primeiro, antes do conto em si, temos o que o autor chama de “alegres

palavras que o Albergueiro dirigiu ao Homem-do-Mar e à senhora priorosa”³ (CHAUCER, 1991, p. 96), que se trata de uma ligação entre o conto anterior (*O conto do Homem-do-Mar*) e *O conto da Priorosa*. Neste ponto, Albergueiro manifesta sua opinião a respeito do conto anterior, tecendo comentários como: “Por Santo Agostinho, o monge não só fez o homem de bobo, mas à mulher dele também! É melhor não trazer monges para casa”⁴ (CHAUCER, 1991, p. 96). Logo em seguida, dirige-se com respeito excessivo à Priorosa, rogando-lhe que dê início ao seu conto:

Com sua permissão, minha senhora Priorosa, eu diria, não desejando incomodá-la, que chegou a sua vez de brindar-nos com uma história, desde que a senhora não se oponha. Será que a prezada dama poderia dignar-se a atender-nos?⁵ (CHAUCER, 1991, p. 96).

Podemos inferir que sua posição de respeito na sociedade se traduz no cuidado excessivo que o Albergueiro toma ao se dirigir a ela. O termo *prior óris* vem do latim e significa “primeiro de dois”. Na Idade Média, a priorosa era líder de uma ordem religiosa, o priorado. Devido ao prestígio da posição, este cargo era ocupado normalmente por moças provenientes de famílias nobres, o que explica o excesso de mesuras do Albergueiro em relação à Priorosa.

A segunda moldura se trata do Prólogo a *O conto da Priorosa*. Neste, no que se refere ao conteúdo, observamos a valorização da criança enquanto servo de Deus:

Senhor, Senhor, o som maravilhoso
Do nome teu o mundo todo invade,
Pois não provém o teu louvor precioso
Somente de homens de alta dignidade:
Muitas vezes, por tua caridade,
Da criança que está a mamar no peito
É que recebes o elogio perfeito⁶ (CHAUCER, 1991, p. 96).

³ Tradução do original: “Bihold the murie words of the Hoost to the Shipman and to the lady Prioress” (CHAUCER, 2008, p. 208).

⁴ Tradução do original: “The monk putte in the mannes hood and ape,
And in his wyves eek ,by Seint Austyn!
Draweth no monkes moore unto youre in” (CHAUCER, 2008, p. 208).

⁵ Tradução do original: “My lady Prioress, by youre leve,
So that I wiste I sholde yow nat greve,
A tale next, if so were that ye wolde.
Now wol ye vouche sauf, my lady deere?” (CHAUCER, 2008, p. 208).

⁶ Tradução do original: “O Lord, oure Lord, thy name how merveillous
Is in this large world ysprad – quod she – she
For noght oonly thy laude precious
Parfourned is by men of dignitee,
But by the mouth of children thy bountee

Em seguida, a Priorosa roga à Nossa Senhora sabedoria divina para a composição de seu conto:

Oh virgem mãe! Oh mãe de virgindade!
Sem arderes, tu és sarça ardente!
Humilde, tu tomaste à divindade
O espírito de luz em ti presente,
E, com tua virtude, o Onipotente
Pôde enfim conceber sua sapiência.
Ajuda-me a mostrar-te reverência!⁷ (CHAUCER, 1991, p. 96).

Esse excerto segue a tradição clássica em que o poeta faz a invocação pedindo auxílio na composição poética, como ocorre, por exemplo, na *Odisséia* quando o poeta invoca as musas. Todavia, esta obra pertence à tradição cristã, sendo apropriado pedir inspiração à Nossa Senhora, como percebemos no último verso. A utilização deste recurso reforça as origens nobres da narradora, tendo em vista sua erudição. Talvez isto explique a escolha do verso pelo tradutor, ao contrário do restante do conto em que opta pela prosa.

No tocante à terceira moldura – O Prólogo –, temos as explicações gerais do livro pelo próprio Chaucer enquanto narrador. Neste, ele justifica o período do ano propício às peregrinações, as razões gerais para elas e segue fazendo a apresentação geral de todos os membros da comitiva, conforme sua percepção.

No que se refere especificamente à Priorosa, ou senhora Eglantine, ele baseia suas explicações a partir do que percebe no jantar. Ela demonstra excessiva educação, não deixando cair comida da boca, limpando sua boca à medida em que come e não mergulhando completamente seus dedos no molho. Para ele, a senhora Eglantine esforçava-se em imitar as etiquetas da corte, a fim de adquirir boas maneiras para ser respeitada. Vizioli, tradutor da obra, afirma que o retrato da Priorosa é de “típica filha de família nobre sem recursos, que, não dispondo de dote para o matrimônio, é destinada ao convento, onde leva vida de dama requintada” (VIZIOLI, 1991, p. XV).

Parfourned is, for on the brest soukyng
Sometyne shewen they thin heriynge” (CHAUCER, 2008, p. 209).
⁷ Tradução do original: “O mooder Mayde, Oh mayde Mooder free!
Oh bussh unbrent, brennyng in Moyses sighte,
That ravyshedest down fro the Deitee,
Thurgh thyn humblesse, the Goost that in th’alighte,
Of whos vertu, whan he thyn herte lighte,
Conceyved was the Fadres sapience,
Help me to telle it in thy reverence!” (CHAUCER, 2008, p. 209).

Outra característica enfatizada pelo narrador é sua caridade e piedade, que, segundo ele, pode ser percebida na maneira como ela se relaciona com os animais. Para o narrador, ela poderia chorar se visse um rato morto ou se um de seus cachorros fosse machucado. A relação com seus cachorros nos diz muito sobre a Prioresa: 1) o fato de possuir cachorros, levá-los em sua peregrinação e alimentá-los com carne e leite, revela que a Prioresa goza de condição financeira muito favorável; e 2) o fato de se mostrar extremamente piedosa com os animais entra em conflito com a maneira como se regozija ao ver os judeus serem punidos com severidade.

3 Considerações finais

A partir dos estudos da moldura por Auerbach, verificamos n’*O conto da Prioresa*, de Geoffrey Chaucer, que a breve introdução ao conto, o prólogo do conto e o prólogo geral agregam sentido ao conto em si. Considerando o enredo, as informações são as de que houve um assassinato de um jovem cristão por judeus e que Nossa Senhora realiza um milagre. Contudo, quando observamos a introdução ao conto, verificamos que a Prioresa é tratada de forma excessivamente formal pelo Albergueiro, o que denota sua relevância social e a importância que era conferida a alguém de sua posição eclesiástica. O prólogo do conto nos fala do valor da criança enquanto servo de Deus, o que se relaciona com o mito dos jovens que eram mortos por judeus. O prólogo geral, por sua vez, reforça a evidência de que a Prioresa goza de muito prestígio e que é muito piedosa, ao verificar-se a maneira como trata seus animais, o que contradiz as informações do conto em si, em que ela não demonstra piedade para com os judeus.

Referências

- AUERBACH, Erich. Moldura. In: *A novela no início do Renascimento na Itália e França*. Trad. Tercio Redondo. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- CHAUCER, Geoffrey. *Os contos de Cantuária*. Trad. Paulo Vizioli. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1991.
- _____. The Canterbury Tales. In: *The Riverside Chaucer*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- DAVIS, Norman. Language and versification. In: *The Riverside Chaucer*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

COGHILL, Nevill. Introdução. In: *Contos da Cantuária*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2013.

MEDEIROS, Márcia Mariade. O Conto da Prioressa de Geoffrey Chaucer: A Satanização da Figura do Judeu na Literatura Medieval. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 12., 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: ABRALIC, 2011. p. 1-6.

VIZIOLI, Paulo. Apresentação. In: *Os Contos de Cantuária*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1991.

_____. Apresentação. In: *Os Contos de Canterbury*. São Paulo: Editora 34, 2017.